

A EXECRANDA ARTE DA LIBERDADE DOS LIVROS

“Haec detestabilis atque execranda libertas artis librariae”

(Papa Gregório XVI)

A epígrafe acima, traduzida um pouco livremente no título, referia-se de modo geral à liberdade da arte tipográfica, detestada e reprovada pelo Papa Gregório XVI. De qualquer maneira, abrangia os livros que a invenção da imprensa, por Gutenberg, passara a divulgar como nunca se podia supor. E chegaria também o *Index Librorum Prohibitorum*, com a lista dos livros expressamente condenados pela Igreja, e que os católicos não deveriam ler, sob pena de incorrer em pecado. Tal *Index* ampliado ano a ano, abrangia cada vez mais os livros que iam sendo publicados e reprovados como perniciosos para os católicos.

O debate ainda não terminou, se bem que se encontre nas Constituições a espora para a liberdade de pensamento e de expressão, e o expurgo da censura prévia. E de um lado e de outro agitam-se os bem e os mal-intencionados, todos envolvendo-se numa luta inglória.

Terá havido livros de tal modo revolucionários, que mudaram a história? Ou foram as próprias crises históricas que suscitaram esses livros? E outros, maléficis, que perverteram a inteligência

dos leitores, empurrando-os para toda sorte de crueldade e selvageria, de vícios e estupidez?

Não se negará que livros houve, especialmente romances, que levaram, à imitação de seus personagens, a uma onda de matanças ou suicídios. Um deles, *Werther*, de Goethe, causador de uma epidemia de suicídios, que se alastrou durante quase um século. Mas era o *mal du siècle*, o mal romântico. Tal como a tuberculose, e que teve também outras consequências.

Outros livros, como a *Cabana do Pai Tomás*, despertaram a consciência contra a escravidão dos negros. Que dizer de *O Capital* e do *Manifesto Comunista*, de Marx, do *Contrato Social*, de Rousseau, dos livros de Voltaire e de Diderot, dos enciclopedistas, que fomentaram a Revolução Francesa? Do *Corão*, que ainda agora, por via de uma interpretação fanática, acarreta a guerra entre o Oriente e o Ocidente? E de *Mein Kampf*, de Hitler, e tantos, tantos outros?

Os livros, de tempos em tempos, são destruídos, queimados, vedada a sua importação, censurados, sujeitos ao *Imprimatur* ou ao *Nihil Obstat*, como aconteceu com os *Lusíadas*, de Camões, e ao qual, durante muito tempo, se suprimia o episódio da Ilha dos Amores. E não nos esqueçamos da fábula, ou alegoria, de *Fahrenheit-451*.

O livro, por si mesmo, é matéria combustível: os maus, os medíocres, queimam-se a si mesmos. Não é necessário acender-se fogueiras em praça pública para se queimarem os livros tidos como maus e, de cambulhada, os bons. De qualquer modo, os ratos e a traça também os roem. Mas isto também faz a fortuna dos livros e dos colecionadores, porque, restado deles um só exemplar, vai valer milhões de dólares. A própria *Bíblia* impressa por Gutenberg, de 42 linhas em duas colunas, quanto valerá?

Mas a execranda arte da liberdade dos livros encontra um antídoto nos mesmos editores que, publicando, a cada ano, centenas de milhares de livros que pouco valem ou nada valem, com eles abarrotando as livrarias e as bibliotecas, provocam o enjoo dos leitores, e a sua abstinência completa. Nas semanas e bienais dos livros, amontoam-se milhões de livros, que refletem a crise do livro. Porque, quando o alimento é demasiado, o resultado é a regurgitação e o vômito.

Não se pode, feliz ou infelizmente, ditar regras para os escribas. E o papel tudo aceita. Vivemos a época da estupidez premiada e impressa, e até bem impressa, em livros elegantes por fora, vestindo nada. O rei está nu, mas desfila a sua nudez enxundiosa para os basbaques. De tal sorte que dia chegará em que se lançarão livros em branco e, na imaculada brancura das páginas, haverá todas as possibilidades. Desde que o comprador não vá enchê-las com as suas garatujas e imbecilidades.

Sócrates nada deixou escrito. Cristo escreveu apenas umas poucas palavras na areia, sabendo que viriam o vento, a chuva, e as apagariam. Preferiu ser apenas leitor, e ir discutir os livros com os sábios, no templo. No entanto, quantos, quantos livros se escreveram sobre um e outro?

Todavia, a execranda arte da liberdade dos livros, até agora, parece prosperar. Até que resolvamos ir ler as nuvens, a lua, as árvores, a água do mar e dos rios, os bichos, as letras da sopa de letras antes que ela esfrie, e ler nós mesmos, ler os outros. Então o silêncio, um grande silêncio, fará que nos entendamos.

Antonio Carlos Augusto Gama

Promotor de Justiça, aposentado